

8/1/1985

Para empresário, política agrícola falha

Reportagem Local

As reivindicações dos trabalhadores no corte da cana, que têm desencadeado greves e paralisações em várias regiões de São Paulo, são encaradas com naturalidade pelos empresários do setor, que acham que esse é um preço que a atividade paga por ser a mais bem estruturada no setor agrícola. Cícero Junqueira Franco, 53 anos, presidente da Sopral — Sociedade dos Produtores de Açúcar e Alcool, afirma mesmo que essas manifestações tendem ser mais comuns, na medida em que os próprios trabalhadores alcancem um grau maior de organização.

Mas o que o empresário considera mais complexo, é que soluções negociadas individualmente, como no caso de Guariba, não são o melhor caminho para a solução definitiva do problema do desemprego sazonal ou mesmo de uma melhoria dos ganhos dos trabalhadores rurais volantes.

"A questão do desemprego na entressafra da cana precisa ser melhor entendida", diz Franco, "pois na verdade o que mais gera desemprego é o período de entressafra das lavouras brancas". Segundo ele, a colheita da cana emprega somente 25% da mão-de-obra volante, ou seja cerca de quatrocentos mil trabalhadores, no Estado de São Paulo. O restante dos bóias-frias trabalham basicamente na colheita do algodão, amendoim, feijão, etc. O fato de os problemas mais graves, com acentuados conflitos sociais terem surgido, principalmente, na área de Guariba, deve-se mais ao fato de existir na região uma concentração exagerada de canaviais, o que não ocorre em outras partes do Estado.

"Por isso, afirma Franco, é importante notar que a solução particular de um setor não vai resolver a questão mais geral. O problema do trabalhador volante é um problema que tem que ser resolvido através de uma legislação específica, uma solução de política agrícola e não mais de setores separadamente."

Outra causa do desemprego que tende a aumentar em várias regiões agrícolas de São Paulo, apontada por Franco, é uma redução acentuada nas atividades agrícolas, desde que os financiamentos para a lavoura que cobriam até 100% dos valores de custeio, caíram hoje para pouco mais de 40%. "Além disso, o dinheiro é difícil, com juros muito altos, o que está levando muitos agricultores a reduzirem a área plantada ou mesmo investir menos em insumos, reduzindo a produtividade. Com consequência, há menos o que colher, e portanto mais desemprego".

(Primeiro Caderno — Página 9)